



Cláudia Menezes, diretora do Museu do Índio, em encontro com os Kraôs

Hoje é Dia do Índio

## 220 mil brasileiros em risco de extinção

Texto: Márcia Mariano Fotos: Paulo Wrench e Museu do Índio

O que os índios esperam da Constituinte? Para a diretora do Museu do Índio no Rio, antropóloga Cláudia Menezes, se o País quiser avançar nesta questão, é fundamental que se aceitem os direitos de cidadania dos indígenas e se resolva, o mais rápido possível, a demarcação de suas terras. Porém, os índios, desta vez, não têm como pressionar Brasília. O ex-deputado cacique Mário Juruna, um dos mais votados no Rio em 1982, não se reelegeu. Gilberto Macuxi, que sonhava com uma cadeira da Assembleia Nacional Constituinte, acabou voltando para sua comunidade em Roraima, sem o cargo de deputado federal.

Cláudia Menezes garante que agora, mais do que nunca, os índios precisarão de que toda a sociedade se conscientize de que eles não são, apenas, selvagens em extinção nos confins da Amazônia, mas, um grupo étnico com uma cultura diferente da nossa, tanto na lógica quanto, na estrutura, e que não deixam de ser brasileiros. "Os constituintes precisam aceitar a legitimidade da representatividade indígena", afirma Cláudia que, este ano, já se reuniu com várias comunidades, entre elas os Kraôs, que vieram ao Rio buscar a sua machadinha sagrada, usada por um personagem de novela de tevê.

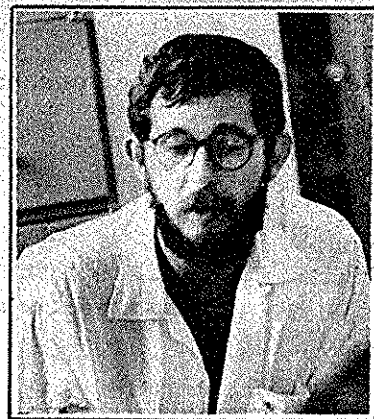
### HOJE É DIA DO ÍNDIO

Segundo o antropólogo e Professor Ney Land, a data 19 de abril foi escolhida para homenagear os índios porque, neste dia, se realizou, na cidade de Patzquaro, no México, em 1940, o primeiro Congresso Indigenista Interamericano. A partir de então, o dia 19 passou a ser comemorativo de todos os índios das Américas. Mas, a situação destes povos, especialmente no Brasil, tem-se tornado crítica, ano a ano. A problemática da terra dos indígenas, por exemplo, deveria estar no bojo da reforma agrária anunciada pelo governo. Na visão da antropóloga Arilza Almeida, os conflitos de terra entre colonos e fazendeiros no interior do País, acabam refletindo nas comunidades indígenas: "Os colonos são expulsos das fazendas e, não tendo outra alternativa, terminam infiltrando-se nos territórios das comunidades, gerando um conflito ainda maior", resume.

Segundo levantamentos da Funai, existem, no Brasil, cerca de 220 mil índios distribuídos em 200 comunidades, das quais 170 falam línguas originais diferentes. Os Yanomani, Norte da Amazônia, Terena, Centro Oeste, Kaingang, Sul, e Ticuna, Alto do Rio Negro são as maiores comunidades. Arilza Almeida revela que, em algumas comunidades, a população indígena está crescendo, mas não há como apresentar dados estatísticos, uma vez que o IBGE não faz censo desta população.

### COLONIALISMO

O professor de lingüística Marcos Maia estudioso dos hábitos e costumes dos Javaê diz que existem no Brasil 170 línguas indígenas diferentes, mas, apenas, 70 foram documentadas. Ele lamenta que nem todas as comunidades estejam em plena expansão como as citadas por sua colega Arilza Almeida: "Os Ava-Canoários, por exemplo não so-



Maia: "Os Ava-Canoários não resistirão 10 anos"

breviverão 10 anos, se não forem tomadas medidas urgentes para preservá-los" — adverte.

Estas medidas, além das propostas da antropóloga e diretora do Museu do Índio, Cláudia Menezes, não passa, apenas, pelas providências da Funai, que foi criada em 1967, substituindo o antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão do Governo responsável pela tutela e proteção dos silvícolas em todo o território nacional.

Para Marcos Maia é necessário que haja participação da sociedade civil e, principalmente, das universidades, que poderão dar grande contribuição, na medida em que se interessem em desenvolver os estudos sobre a arte e cultura indígenas.

— Das 70 línguas documentadas até hoje — revela o professor — apenas 20 foram resultado do trabalho desenvolvido por brasileiros. O restante foi feito por pessoas ligadas ao Instituto Linguístico de Verão, uma entidade missionária estrangeira, não católica, que, a pretexto de codificar a língua indígena, acaba promovendo uma verdadeira catequese, com o principal objetivo de descaracterizar a cultura indígena, impingindo-lhes, até mesmo, uma religião.

Marcos Maia enfatiza que todas as constituições existentes no Brasil, até hoje, adotaram a língua portuguesa como a única existente no País, erradicando, desta maneira, a cultura indígena. Arilza Almeida, por sua vez, não condena as comunidades que assimilaram alguns hábitos da sociedade ocidental como, por exemplo, a roupa. E explica por quê:

— O índio não deixa de ser ele mesmo porque deixou de andar nu. O que faz ele ficar autêntico é a sua religião, a sua cosmologia, ou seja, a sua maneira de ver o mundo. Arilza exemplifica dizendo que um turista pode ir ao Japão, vestir quimono, e nem por isso vai passar a cultivar a mitologia dos Samurais, e finaliza: "É preciso acabar, de uma vez por todas, com o preconceito em torno do índio."

Hoje, Dia do Índio, o Museu do Índio exibirá, às 15 horas, o filme "Póstuma Cretã" de Paulo Duque e, logo após, haverá um debate com o Professor Ney Land. Até o dia 29, serão realizadas várias programações com palestras, áudio e vídeos sobre os índios.

JORNAL DOS SPORTS (RJ)  
19/04/87

ALR00090